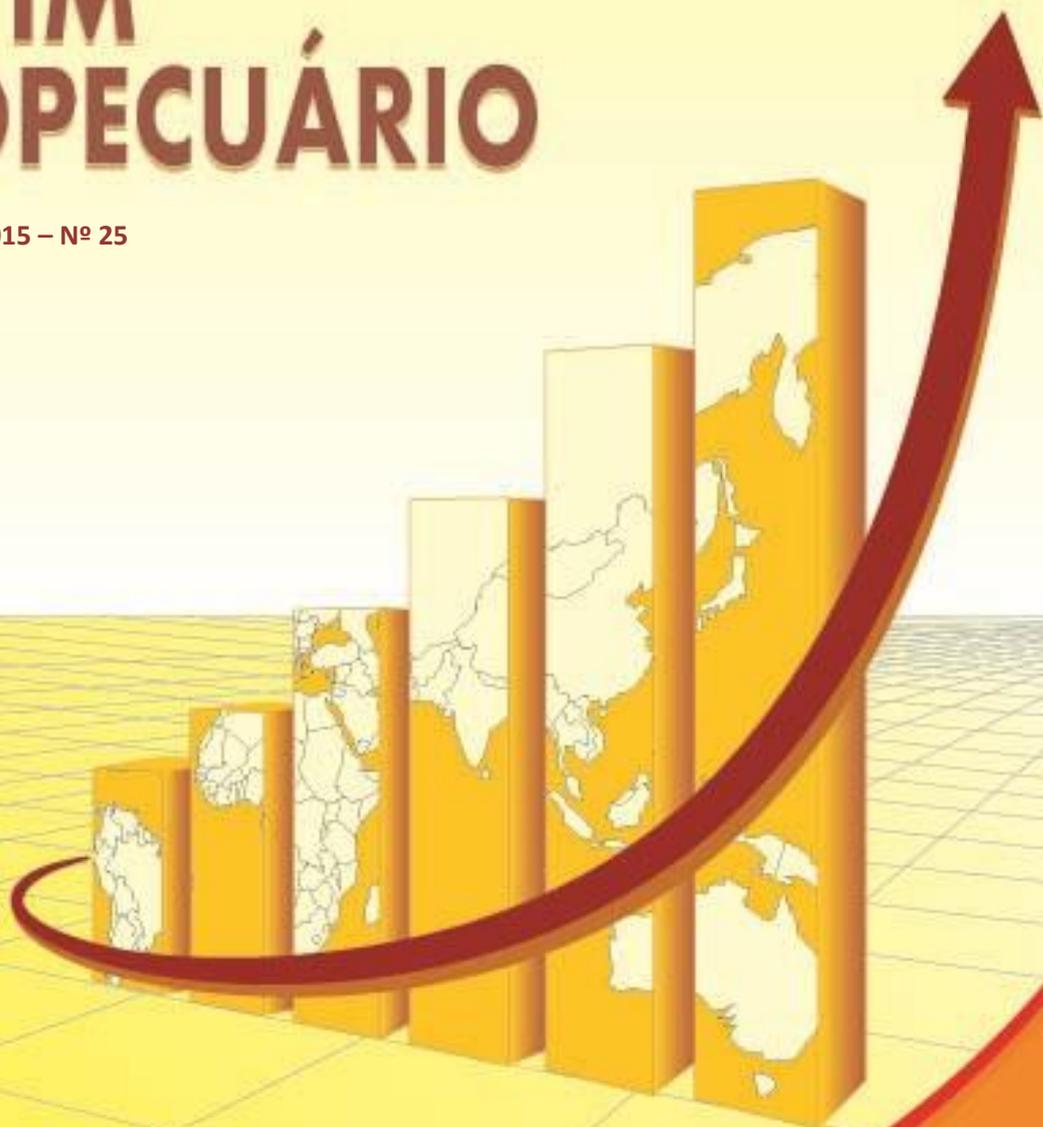


# BOLETIM AGROPECUÁRIO

1ª Quinzena de Julho/2015 – Nº 25



Empresa de Pesquisa Agropecuária  
e Extensão Rural de Santa Catarina

**CEPA**

Centro de Socioeconomia  
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO  
DE SANTA  
CATARINA**

Secretaria da Agricultura  
e da Pesca



**Governador do Estado**  
João Raimundo Colombo

**Vice-Governador do Estado**  
Eduardo Pinho Moreira

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**  
Moacir Sopelsa

**Presidente da Epagri**  
Luiz Ademir Hessmann

**Diretores**

Paulo Roberto Lisboa Arruda  
Extensão Rural

Luiz Antônio Palladini  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Jorge Luiz Malburg  
Administração e Finanças

Neiva Dalla Vecchia  
Desenvolvimento Institucional

**Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Epagri/Cepa**  
Reny Dorow



BOLETIM DE ECONOMIA RURAL nº 25

# Boletim Agropecuário

## **Autores desta edição**

Antônio Marcos Feliciano  
Gláucia de Almeida Padrão  
Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin  
Rogério Goulart Junior  
Tabajara Marcondes



Florianópolis  
2015

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – EPAGRI**

Rodovia Admar Gonzaga, 1.347, Itacorubi, Caixa Postal 502  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5000  
Internet: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)  
E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – CEPA**

Rodovia Admar Gonzaga, 1.486, Itacorubi  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5078  
Internet: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>  
E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação**

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

**Elaboração**

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa  
Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin – Epagri/Cepa  
Reney Dorow – Epagri/Cepa  
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa  
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Colaboração:**

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)  
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa  
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)  
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)  
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)  
João Rogério Alves – Epagri/Cepa  
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa  
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa  
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC  
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)  
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa  
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)  
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Epagri/Cepa**

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

## Apresentação

O Epagri/Cepa - Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Centro de pesquisa da Epagri tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*, que reúne em um único documento as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina, anteriormente publicados por produtos.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isto, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos trinta dias. Em casos esporádicos poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos.

Além das informações por produtos, eventualmente poderão ser divulgados nesse documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados para o mercado.

O Boletim Agropecuário pretende se transformar em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios, fortalecendo sua relação com o mercado agropecuário, por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site do Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>, inclusive poderão ser resgatados as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann  
Presidente da Epagri

## Sumário

<b>Sumário</b> .....	6
<b>Artigo</b> .....	7
Dado, informação e conhecimento: um ciclo virtuoso para as organizações e para a sociedade .....	7
<b>Fruticultura</b> .....	10
Banana .....	10
<b>Grãos</b> .....	13
Arroz .....	13
Feijão .....	16
Milho .....	20
Soja .....	23
Trigo.....	26
<b>Pecuária</b> .....	29
Leite.....	29

## Artigo

# Dado, informação e conhecimento: um ciclo virtuoso para as organizações e para a sociedade

Antonio Marcos Feliciano  
Analista de mercado - Epagri/Cepa  
feliciano@epagri.sc.gov.br

As transformações econômicas e sociais intensificadas a partir das últimas décadas do século 20 criaram perspectivas de atuação para os indivíduos e para as organizações. Nesse novo contexto a ação passou a ser global e a competição por espaço tomou iguais proporções. Esse cenário impôs mudanças às organizações, entre as quais a adoção de estratégias baseadas no uso intensivo do conhecimento, objetivando ampliar sua competitividade.

Nas organizações do setor agropecuário, sobretudo na esfera pública, os movimentos que emergiram do processo de redemocratização do Brasil, acompanhado pelo fenômeno da globalização, fizeram surgir novos desafios, como a necessidade de ser economicamente viáveis e socialmente relevantes, requisitos fundamentais à sustentabilidade organizacional no novo cenário que se descortinava.

Nesse mesmo período, há uma expansão de aplicações tecnológicas voltadas às organizações, tais como: redes sem fio, supercomputadores, aparelhos móveis, negócios virtuais, sinais via satélite. Sem precedentes na história, os recursos tecnológicos avançam sobre as empresas e a sociedade como meio facilitador da difusão e do acesso à informação e ao conhecimento.

As rápidas e intensas mudanças ocorridas no seio da sociedade requeriam novas posturas dos agentes públicos, principalmente no que tange a seu histórico distanciamento em relação às reais necessidades da sociedade. O êxodo rural, os movimentos sociais, os problemas climáticos e de ordem ambiental, as mudanças na legislação, os blocos econômicos, a profissionalização na gestão dos negócios agropecuários, os novos modelos de gestão e de atuação coletiva, além de comunidades exigindo o protagonismo nas tomadas de decisão de políticas públicas, requeriam novos olhares dos entes públicos sobre o meio rural e a sociedade em geral.

No que diz respeito ao meio, convém mencionar que é um espaço composto por complexas redes de relações, mantidas por inúmeros atores que influenciam e são influenciados por variados aspectos, dos previsíveis aos imprevisíveis. No escopo da nova visão e papel das organizações públicas, percebe-se a necessidade de novas estratégias para acompanhar as dinâmicas das mudanças que ocorrem nesse ambiente, agregando variáveis que permitam perceber a subjetividade e complexidade desse espaço. A construção dessa realidade também é fruto da percepção que cada ator possui desse ambiente, reforçando a necessidade de maior proximidade das organizações com seu ambiente de atuação.

Dessa forma, registrar e observar as relações e os fenômenos, não oferece garantias de assertividade na tomada de decisão. O novo momento exige a participação efetiva, a proximidade com a sociedade e o uso de dados, informações e conhecimentos que permitem interpretar essa realidade.

Atuar em ambiente complexo, em que as múltiplas relações e fatores de influência nem sempre são claramente percebidos, exige das organizações do setor público agrícola a adoção de novas ações visando obter dados precisos e confiáveis, possibilitando acompanhar as constantes mudanças.

Uma das áreas que pode servir como exemplo, é a da socioeconomia rural, que, desde a década de 70 do século passado, oferece significativas contribuições ao entendimento das relações mantidas no meio rural, pois, comumente, apresentam com riqueza de detalhes inúmeros aspectos do cotidiano das relações mantidas entre os atores nesse meio.

Com o passar dos anos, o volume de dados relativos ao setor agropecuário se ampliou muito, demandando novas aplicações tecnológicas, sobretudo derivadas da necessidade de sistematizar esse amplo volume de dados para facilitar a leitura da realidade das relações no meio rural.

Essa necessidade por novas tecnologias fez surgir a figura dos sistemas de informações. Eles são uma ferramenta capaz de processar, armazenar, organizar e sistematizar grande volume de dados, oferecendo ao usuário a possibilidade de acessar séries históricas e de combinar outras tantas variáveis. Ademais, possibilitam ampliar e aprofundar a visão do contexto analisado, gerando informações e conhecimentos novos.

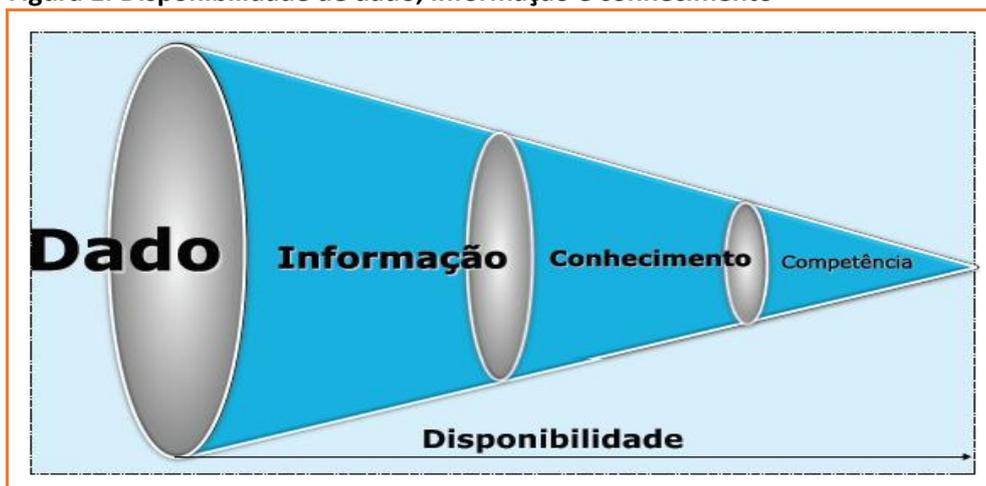
Deixamos claro que não atribuímos aos recursos tecnológicos a capacidade de resolução para tudo o que ocorre na sociedade, mas sim, em desenvolvê-los e utilizá-los como meio facilitador para a compreensão de fenômenos complexos.

Cabe no momento, a distinção entre dado, informação e conhecimento. Conceitualmente, para Shehabat, Mahdi e Khouald (2009, p. 206) os dados são derivados da observação dos fatos fora do contexto. Portanto, os dados por si só, não possuem significados. A informação oferece significância aos dados por ter relação em um contexto. A informação surge da combinação entre os dados e da interpretação contextual, manifestada normalmente na forma de mensagens. O conhecimento é aquilo em que se acredita e a que se dá valor; é uma crença verdadeira e justificada.

No atual momento, o avanço e os recursos tecnológicos são onipresentes. A rede mundial de computadores (internet) passou a figurar como uma importante fonte de dados e informações com relativa facilidade de acesso. Entretanto, o significativo nível de fragmentação da informação presente na grande rede torna complexa sua busca, gerando muito trabalho e, em certos momentos, frustrando as expectativas dos usuários dessa fonte. Isso acontece sobretudo quando essa fragmentação é associada à insegurança da fidedignidade dos dados e informações, podendo conduzir o usuário ao erro.

A Figura 1 apresenta de forma esquemática, a disponibilidade de dados, informação e conhecimento. Por um lado, reflete a realidade da internet, em termos de disponibilidade de acesso a dados, informações e conhecimentos novos. Por outro, revela a necessidade das organizações de planejar com cuidado seus sistemas de informação, pois quanto mais dinâmicos e completos, maiores facilidades tendem a oferecer a seus usuários, clientes, parceiros, colaboradores.

**Figura 1. Disponibilidade de dado, informação e conhecimento**



Fonte: Rowley (2007)

Partindo do princípio de que há na base dos sistemas de informação volume expressivo de dados, e que eles passam a fazer sentido a partir da combinação entre múltiplas variáveis, e que, além disso, os

sistemas de informação devem contemplar aspectos como acessibilidade, navegabilidade e confiabilidade para ser percebidos como boas e dinâmicas fontes de informação, torna-se possível afirmar que as organizações, ao atender esses requisitos, tendem a se destacar das demais como potencial fonte de informação.

A boa combinação entre sistemas de informação e dados socioeconômicos possibilita gerar informações e conhecimentos novos para uso empresarial, uso em políticas públicas, pesquisas acadêmicas, projetos governamentais e por entidades da sociedade civil, permitindo a todos os atores novas e profundas leituras sobre seu objeto de pesquisa. Isso, possibilita ampliar a visão sobre o que acontece no seu ambiente de atuação devido à proximidade com a realidade que esses dados e informações proporcionam.

A elaboração desses sistemas costuma oferecer inúmeras ciladas, principalmente ao torná-los excessivamente abrangentes. Essa é uma falha recorrente, derivada da perda de foco ou do objetivo concebido. Para muitos que atuam na área de tecnologia da informação, a síndrome do “jaque” afeta as equipes. Essa síndrome funciona mais ou menos da seguinte forma: “já que” a equipe está desenvolvendo uma opção ou módulo do sistema para atender determinada demanda, por que não incluir no sistema outras demandas? A síndrome do “já que” é responsável pela perda de foco e pela consequente inoperância do sistema.

Em pesquisa com técnicos da extensão rural brasileira, Feliciano (2013) constatou que várias empresas dessa área possuem sistemas de informação, contudo, nem sequer os próprios funcionários ou colaboradores conseguem fazer uso adequado dessa ferramenta. Isso se deve pela tamanha complexidade de operação do sistema, dificultando a extração dos dados e comprometendo as demais etapas do ciclo.

Nonaka e Takeuchi (2008), Nonaka e Toyama (2008), Wolff (2008) e Shannak (2009) consideram que os recursos tecnológicos constituem mecanismos eficientes no processamento da informação. Entretanto, convém mencionar que a criação do conhecimento é dependente da intervenção humana e de fatores facilitadores criados para tal.

Feliciano (2013) reforça que o desenvolvimento e uso de recursos tecnológicos constituem importantes elementos para o conhecimento das organizações para seu armazenamento, disseminação, uso e reúso. Para esse autor, a variedade e a quantidade de dados, informações e conhecimentos não pode ser percebida como um problema, mas como elemento facilitador no estabelecimento de diferenciais competitivos organizacionais.

Organizar, armazenar e fazer a difusão de dados em um canal como a internet é bastante simples. Contudo, além dos três aspectos supracitados, ao agregar em um sistema de informação a coleta, crítica, modelagem, estruturação e promoção do acesso, oferecem-se ao usuário diferenciais consideráveis para sua leitura do contexto pesquisado.

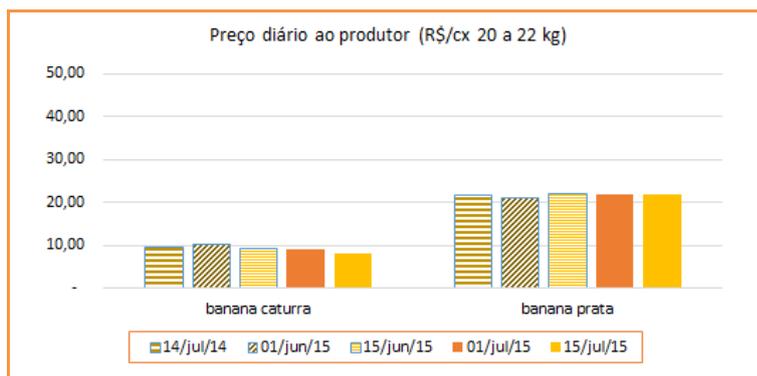
Por certo, o resultado maior desses novos investimentos realizados pelas organizações recai sobre a possibilidade de tantos atores fazerem suas pesquisas e suas análises baseados nos dados socioeconômicos, tanto da agropecuária como de outras áreas. Eles também fazem propostas e intervenções baseadas em dados e informações que refletem a realidade e possibilitam acertos na tomada de decisões e nas ações de políticas públicas.

Amparado em uma boa base de dados, em um sistema que ofereça boas possibilidades de geração de informação, e associado ao *expertise* dos usuários, culmina-se em uma tendência positiva para a sociedade, que consiste na criação de conhecimento. Essa cadência dado-informação-conhecimento consiste na essência do ciclo virtuoso que qualquer indivíduo, instituição ou sociedade busca, pois esse ciclo tende a produzir diferenciais competitivos, baseados no uso intensivo do conhecimento, fator fundamental à sustentabilidade organizacional e social.

## Fruticultura

### Banana

Rogério Goulart Junior  
 Economista, Dr. - Epagri/Cepa  
 rogeriojunior@epagri.sc.gov.sc

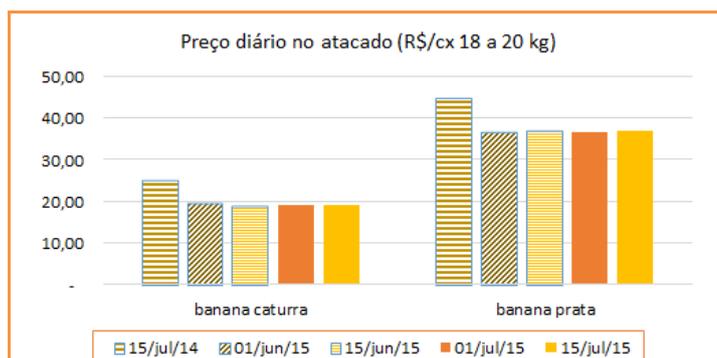


Fonte: Epagri/Cepa.

#### Banana - Evolução do preço diário ao produtor em Santa Catarina

Na primeira quinzena de julho de 2015, o preço pago ao produtor diminuiu em 11% para a caturra e manteve-se constante para a prata. Nos últimos trinta dias, entre 15 de junho e 15 de julho, a caturra teve queda no preço de 11% e a prata manteve-se estável. Já, entre 1º. de junho e 1º. de julho, o preço da caturra diminuiu em 10% e o da prata segue aumento de 5%. No acumulado de doze meses persiste a desvalorização mais amena de 16% no preço da caturra; enquanto a prata segue recuperação com aumento de 2,3%. Na lavoura a baixa temperatura e a umidade deve estabilizar a produção.

Nos últimos trinta dias o preço no atacado para a banana caturra e da prata se manteve constante. Já no período de doze meses houve certa recuperação, mas permanece a desvalorização no preço, agora em 24% para a caturra e 18% para a prata. Na primeira quinzena de julho a prata apresentou leve recuperação de 1,4% no preço. A demanda pela fruta ainda está retraída em função da concorrência com frutas da estação, aspecto que dificulta a valorização do preço no mercado atacadista.



Fonte: Epagri/Cepa.

#### Banana - Evolução do preço diário no atacado em Santa Catarina

**Banana - Preço médio ao produtor (R\$/cx 20 a 22 kg) nas principais praças de Santa Catarina**

Praça	Data		Variação (%)
	15/06/15	15/07/15	
<b>Jaraguá do Sul</b>			
Caturra	s/inf.	s/inf.	
Prata	s/inf.	s/inf.	
<b>Sul Catarinense</b>			
Caturra	9,00	8,00	-11,1
Prata	22,00	22,00	0,0

Fonte: Epagri/Cepa.

**Banana - Preço médio no atacado (R\$/cx 18 a 20 kg) nas principais praças de Santa Catarina**

Praça	Data		Variação(%)
	15/06/15	15/07/15	
<b>Florianópolis (Ceasa)</b>			
Caturra	18,00	18,00	0,0
Prata	40,00	35,00	-12,5
<b>Jaraguá do Sul</b>			
Caturra	s/ inf.	s/ inf.	
Prata	s/ inf.	s/ inf.	
<b>Sul Catarinense</b>			
Caturra	20,00	19,00	-5,0
Prata	34,00	35,00	2,9

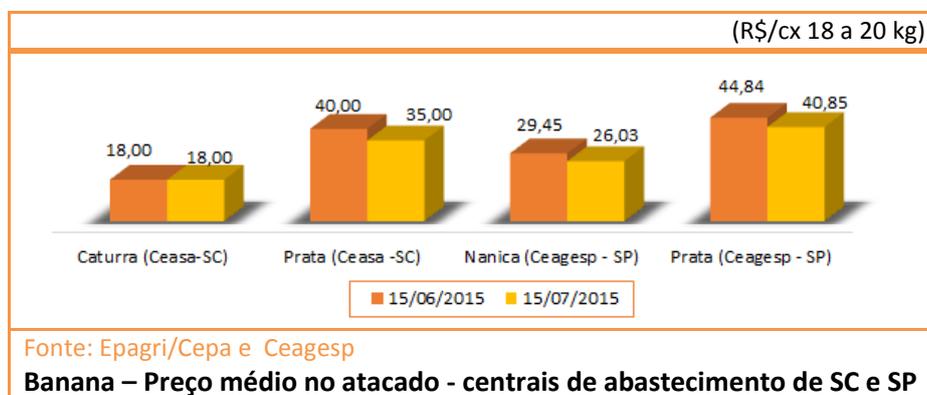
Fonte: Epagri/Cepa.

Na Praça de Jaraguá do Sul no período analisado entre junho e julho, o preço médio ao produtor continua constante para a caturra, e também para a prata. No Sul Catarinense, o preço da banana prata mantém-se constante enquanto a caturra diminui 11%. Na roça os cachos já estão, na sua maioria com proteção (plástica) para amenizar os efeitos provocados pelo frio buscando manter a qualidade da fruta.

No Litoral Norte de SC a banana prata diminui na roça com aumento no preço pago, e a produção de caturra começa a diminuir com as baixas temperaturas.

No atacado, o preço da caturra na Ceasa estabiliza-se enquanto o da prata passa a seguir tendência sazonal de queda. Na praça de Jaraguá do Sul a expectativa de aumento no preço da caturra não se confirma e segue a desvalorização de preço. No Sul Catarinense a prata segue recuperação do preço no mercado e a caturra mantém a tendência de diminuição nos preços.

As cotações permanecem baixas em comparação com o ano passado, pois com as temperaturas mais altas que a média o período de diminuição da oferta na lavoura foi estendido. Mas com a chegada de temperaturas mais baixas nesta semana o preço deve recuperar para a caturra. Porém é necessário atenção com o aumento da umidade nos próximos meses resultante da presença do El Niño.



**Banana - Preço médio ao produtor (R\$/cx 21 kg)<sup>1</sup> nas principais praças do Brasil**

Praça	Data		Variação(%)
	11/06/15	10/07/15	
<b>Bom Jesus da Lapa</b>			
Nanica	10,50	9,87	-6,0
Prata	30,45	26,67	-12,4
<b>Norte de Minas Gerais</b>			
Nanica	8,40	8,40	0,00
Prata	35,70	31,50	-11,8
<b>Vale do Ribeira</b>			
Nanica	14,07	11,97	-14,9
Prata	31,08	28,98	-6,8
<b>Vale São Francisco</b>			
Nanica	...	...	...
Prata	25,20	24,15	-4,2

<sup>(1)</sup> Preço médio em R\$/kg calculado para uma caixa de 21 kg.

Fonte: adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas principais praças, a banana nanica apresenta tendência sazonal de queda nos preços, com forte concorrência de outras frutas da estação e início do período de férias escolares.

Nas regiões produtoras do Nordeste brasileiro, a prata volta a diminuir o preço e no Sudeste brasileiro as chuvas provocadas pelo fenômeno climático El Niño amenizam as baixas temperaturas nos bananais.

**Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2015 em relação à safra 2014**

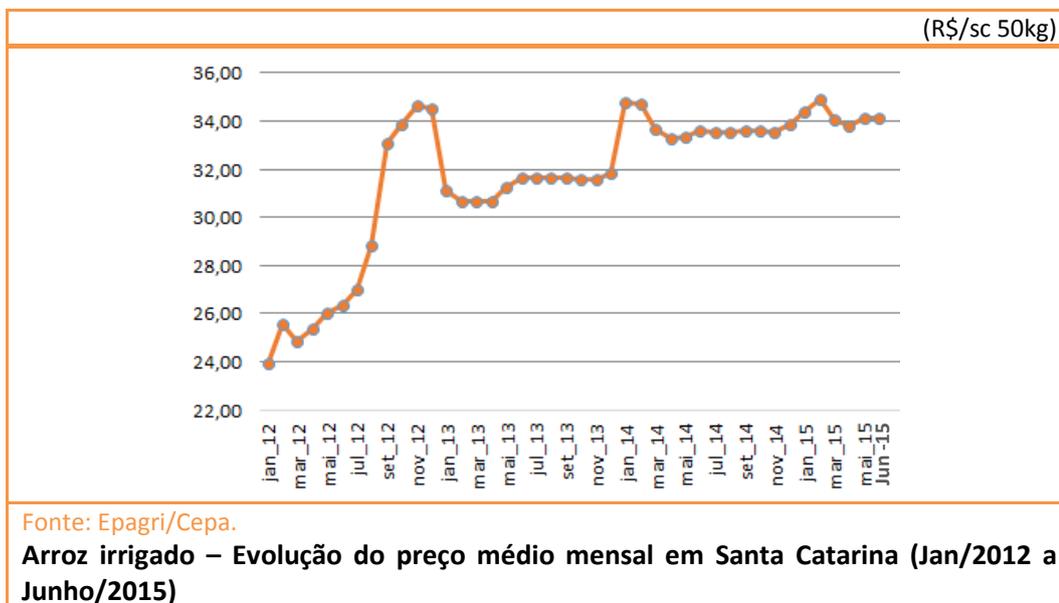
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra anterior – 2014 (Janeiro a Dezembro)			Estimativa inicial - 2015 (Janeiro a Dezembro)			Estimativa atual - 2015 (Janeiro a Dezembro)			Est. atual / Est. inicial (%)		
	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Blumenau	4.503	136.155	30.236	4.503	136.176	30.241	4.464	131.962	29.561	-0,9	-3,1	-2,2
Itajaí	3.992	115.227	28.864	3.992	115.227	28.864	3.941	116.673	29.605	-1,3	1,3	2,6
Joinville	14.022	384.524	27.423	14.022	384.524	27.423	13.303	370.846	27.877	-5,1	-3,6	1,7
Araranguá	5.419	45.868	8.464	5.190	49.600	9.557	4.965	45.940	9.253	-4,3	-7,4	-3,2
Criciúma	1.504	19.105	12.703	1.503	20.249	13.472	1.473	20.307	13.786	-2,0	0,3	2,3
Tubarão	215	2.364	10.995	225	2.667	11.853	161	1.919	11.919	-28,4	-28,0	0,6
<b>Total</b>	<b>29.655</b>	<b>703.243</b>	<b>23.714</b>	<b>29.435</b>	<b>708.443</b>	<b>24.068</b>	<b>28.307</b>	<b>687.647</b>	<b>24.292</b>	<b>-3,8</b>	<b>-2,9</b>	<b>0,9</b>

Fonte: GCEA/LSPA/IBGE junho de 2015 e Epagri-Cepa.

# Grãos

## Arroz

Glauca de Almeida Padrão  
Economista, Dr.<sup>a</sup> - Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)



### Arroz irrigado - Preço médio ao produtor nas principais praças de Santa Catarina – 2015

(R\$/sc 50kg)

Praça	15/06/2015	15/07/2015	Var. Mens. (%)
Rio do Sul	33,00	33,00	0,00
Sul Catarinense	35,00	34,50	-0,72

Fonte: Epagri/Cepa.

### Arroz Parbolizado - Preço médio no atacado nas principais praças de Santa Catarina – 2015

(R\$/Fardo 30kg)

Praça	15/06/2015	15/07/2015	Var. Mens. (%)
Rio do Sul	54,5	54,30	-0,18
Sul Catarinense	57,4	56,70	-0,61

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços médios mensais ao produtor de Santa Catarina em junho de 2015 foram levemente maiores do que o mês de maio. Nos últimos trinta dias, o preço médio ao produtor nas principais praças do estado se mantiveram estáveis com alguma variação negativa na Praça Sul Catarinense. Esse comportamento foi seguido pelo mercado atacadista em que a variação negativa foi percebida nas duas Praças. Com o final da colheita, associado ao aumento das exportações e consequente redução da oferta interna há pressão baixista nos preços, sobretudo no mercado atacadista. Impulsionados por esta conjuntura, os preços nas principais praças do Rio Grande do Sul também apresentaram variação negativa ou se mantiveram estáveis nos últimos trinta dias.

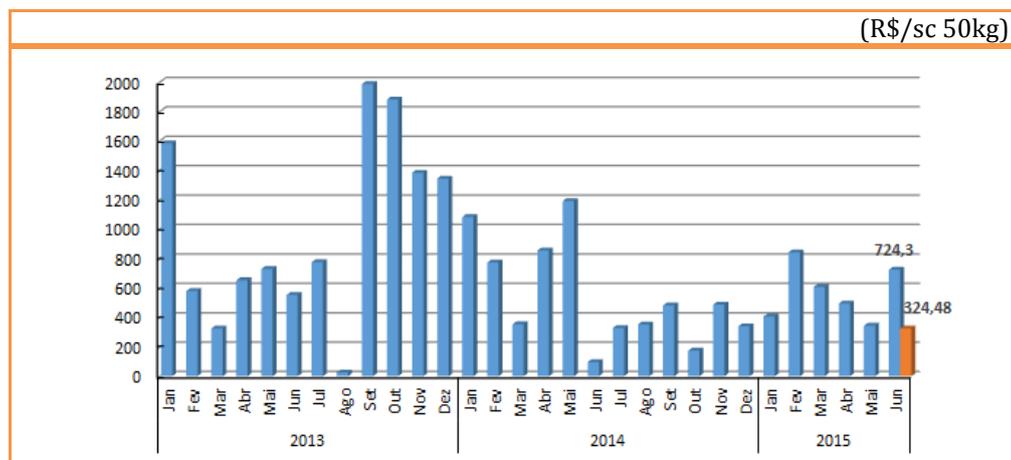
**Arroz irrigado – Preço ao produtor nas principais Praças do Rio Grande do Sul**

(R\$/50 kg)

Praça	15/06/2015	15/07/2015	Var. Mensal (%)
Alegrete	32,00	32,00	0,00
Bagé	33,50	32,00	-4,48
Jaguarão	32,00	32,00	0,00
Pelotas	33,50	33,50	0,00
São Borja	35,50	34,50	-2,82
Uruguiana	32,50	32,50	0,00

Fonte: Emater/RS.

As exportações catarinenses de arroz em casca no mês de junho foram superiores ao mês de maio, ficando acima da média para este mês entre 2013 e 2014. Como observado na safra 2013/14, espera-se que hajam embarques elevados nos próximos meses, haja vista que as exportações de soja, que em geral têm prioridade no armazenamento graneleiro nos portos, tem evoluído e gerado abertura para os carregamentos de arroz.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Arroz em casca – Evolução das exportações mensais em Santa Catarina (Jan/2013 a Junho/2015)**

**Arroz irrigado – Santa Catarina – Evolução da safra 2014/15**

Microrregião	Safrá 2013/14			Safrá 2015/16			Var.%( Estimativa atual/Estimativa inicial)		
	Área Plantada (ha)	Quant. Produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. Produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
<b>Santa Catarina</b>	<b>148.464</b>	<b>1.100.321</b>	<b>7.411</b>	<b>148.453</b>	<b>1.089.865</b>	<b>7.341</b>	<b>-0,01</b>	<b>-0,95</b>	<b>-0,94</b>
Araranguá	51.650	362.402	7.016	51.660	359.292	6.955	0,02	-0,86	-0,88
Joinville	19.783	167.193	8.451	19.811	157.487	7.949	0,14	-5,81	-5,94
Tubarão	21.450	153.331	7.148	21.468	155.585	7.247	0,08	1,47	1,38
Criciúma	20.773	146.270	7.041	20.869	149.740	7.175	0,46	2,37	1,90
Rio do Sul	10.898	86.590	7.945	10.735	88.728	8.265	-1,50	2,47	4,02
Itajaí	9.283	69.870	7.527	9.283	71.384	7.690	0,00	2,17	2,17
Blumenau	8.235	72.616	8.818	8.235	65.600	7.966	0,00	-9,66	-9,66
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Florianópolis	3.110	17.336	5.574	3.110	17.336	5.574	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	286	2.275	7.955	286	2.275	7.955	0,00	0,00	0,00
Tabuleiro	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

Em Santa Catarina a colheita do arroz da safra 2014/15 foi encerrada. A qualidade dos grãos colhidos é boa, confirmando a produção em cerca de 1,090 milhões de toneladas, apesar da ocorrência de brusone em toda a região produtora, bem como problemas com as condições climáticas como chuvas excessivas, alta umidade do ar e temperaturas altas. Esse conjunto de fatores prejudicou grande parte das lavouras e culminou em redução da produtividade média em relação à safra anterior. Atualmente, os produtores seguem comercializando o grão colhido e preparando as áreas de cultivo para o plantio da safra 2015/16. Quanto à safra 2015/16, ainda não há expectativa oficial do Epagri/Cepa.

## Feijão

Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin  
Economista MSC - Epagri/Cepa  
marciacunha@epagri.sc.gov.br

### Feijão – Evolução do preço médio nacional ao produtor (R\$/sc 60 kg)

Tipo	30/06/15	14/07/15	Var. Mensal	Mercado
Carioca Extra novo	152,50	162,50	6,56	Firme
Carioca Extra	142,50	152,50	7,02	Firme
Carioca Especial	132,50	142,50	7,55	Firme
Carioca Comercial	120,00	132,50	10,42	Firme
Carioca Semi-novo	70,00	-	-	-
Preto Extra	117,50	117,50	0,00	Estável
Preto Especial	115,00	115,00	0,00	Estável

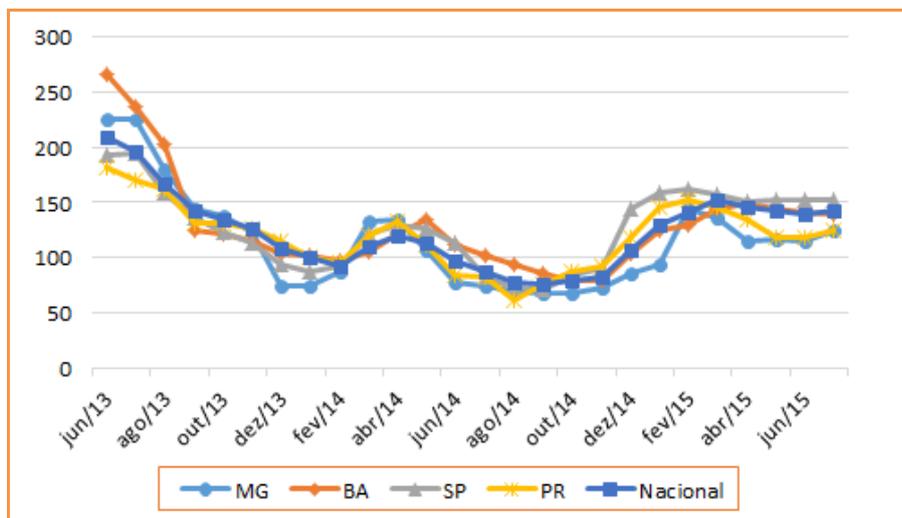
Fonte: <http://www.bcpsp.com.br/Boletim.asp>

Os preços do feijão carioca no mercado nacional encontram-se muito instáveis.

Quando o empacotador final está próximo da fonte ele aceita pagar valores considerados "altos" no momento atual.

No geral, os empacotadores acreditam, que com o varejo mais calmo, haverá uma queda nos preços por conta da quantidade de pivôs que são colhidas neste período. As chances são de que a queda pode chegar até a R\$ 10,00 por saca, na semana que segue.

Além disso, o volume total negociado é pequeno, quando se compara com as médias históricas do mesmo período.



Fonte: Agrolink.

### Feijão Carioca - Preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores (R\$/sc 60 kg)

Os números divulgados pela Conab em seu 10<sup>o</sup>. levantamento apontam para uma queda na área plantada na 3<sup>a</sup>. safra, que caiu 11,7% e a estimativa de produção que recuou 8,2%, ficando em 792,4 mil toneladas. Em junho, a previsão era maior, estava em 814,5 mil toneladas. Na safra passada, essa cultura ficou em 863,4 mil toneladas.

### Feijão Carioca - Preço médio ao produtor nas principais praças (R\$/sc 60 kg)

Praça	15/06/15	15/07/15	Var. Mensal
Cornélio Procópio (PR)	100,00	130,00	30,00
Jacarezinho (PR)	110,00	125,00	13,64
Unai (MG)	110,00	122,50	11,36
Caiapônia (GO)	160,00	160,00	0,00
Ajustina (BA)	80,00	80,00	0,00
Itapetininga (SP)	136,78	136,78	0,00

Fonte: Agrolink.

O governo em sua Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), optou por reduzir entre 16 e 17,89% os preços mínimos do feijão cores, preto e caupi para a safra 2015/16.

A Argentina deve ter uma produção entre 200 mil a 300 mil toneladas direcionadas ao Brasil.

As importações deste ano estão estimadas em 150 mil toneladas, metade do volume de anos como 2012 e 2013.

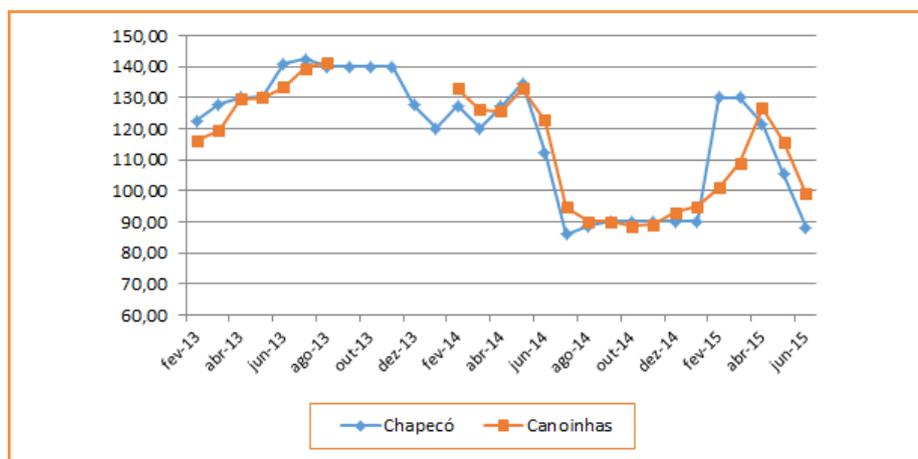
Esses fatores têm sido fundamentais no amortecimento das oscilações nos preços internos, que em plena entressafra têm sua tendência de alta arrefecida. Isso vale sobretudo para o feijão preto, disponível no mercado internacional.

Já a variedade carioca, menos pressionada pela soja, que perdeu valor no mercado internacional e tende a avançar menos sobre outras culturas, cumpre o papel de limitar as correções de preços.

### Feijão Preto - Preço médio ao produtor nas principais praças (R\$/sc 60 kg)

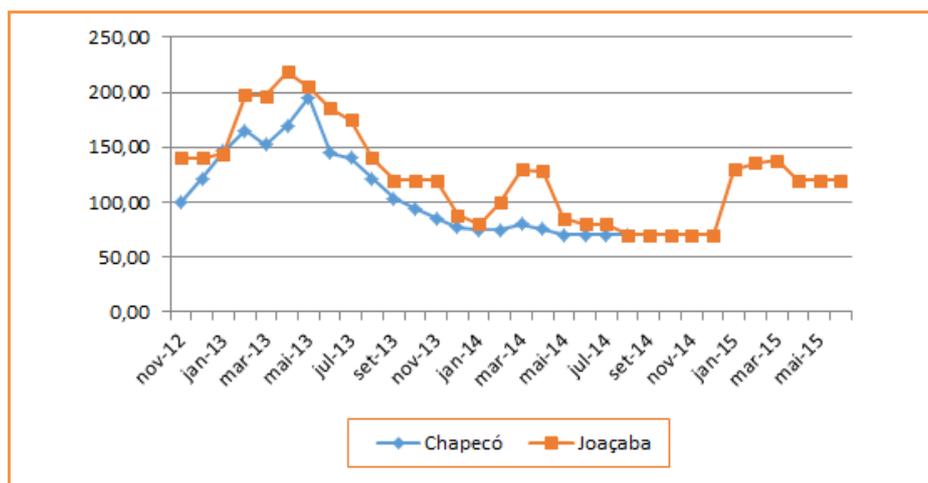
Praça	15/06/15	15/07/15	Var. Mensal
Apucarana (PR)	110,00	110,00	0,00
Campo Mourão (PR)	98,94	82,45	-16,67
Cascavel (PR)	97,50	81,25	-16,67
Guarapuava (PR)	97,00	85,83	-11,52
Canguçu (RS)	180,00	180,00	0,00
Santa Cruz do Sul (RS)	130,00	130,00	0,00

Fonte: Agrolink.



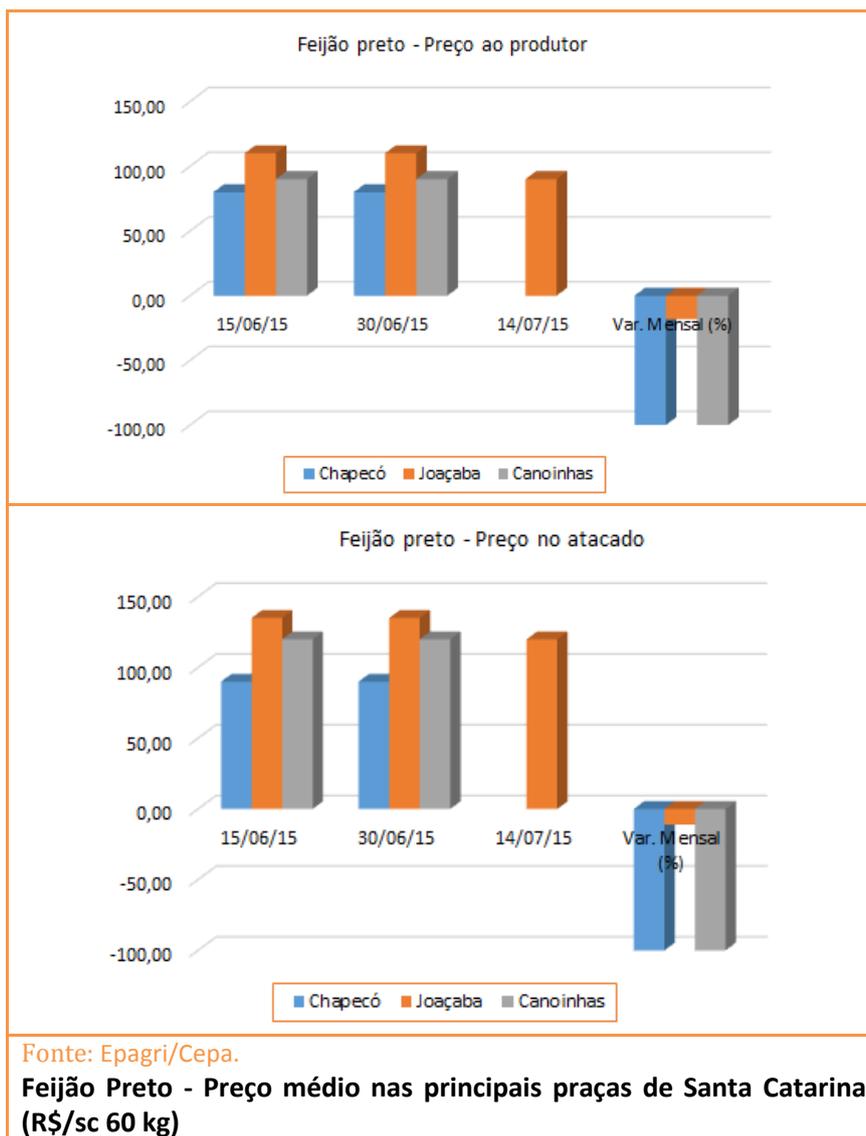
Fonte: Epagri/Cepa.

### Feijao Preto - Preço médio ao produtor em Santa Catarina (R\$/sc 60 kg)



Fonte: Epagri/Cepa.

### Feijao Carioca - Preço médio ao produtor em Santa Catarina (R\$/sc 60 kg)



Com apenas 8% da área a ser colhida, o Estado vai encerrando a segunda safra de feijão 2014/15. Em várias regiões do estado, o clima chuvoso trouxe prejuízos não somente para as atividades de colheita, que foram sendo postergadas, como também para a produtividade das lavouras.

Os produtores estão descontentes com os preços atuais do produto. Se os mesmos se mantiverem em baixa, e este for o fator decisivo na opção de plantio, a tendência é de que a nova safra a ser semeada a partir de setembro, venha a ter uma redução em sua área.

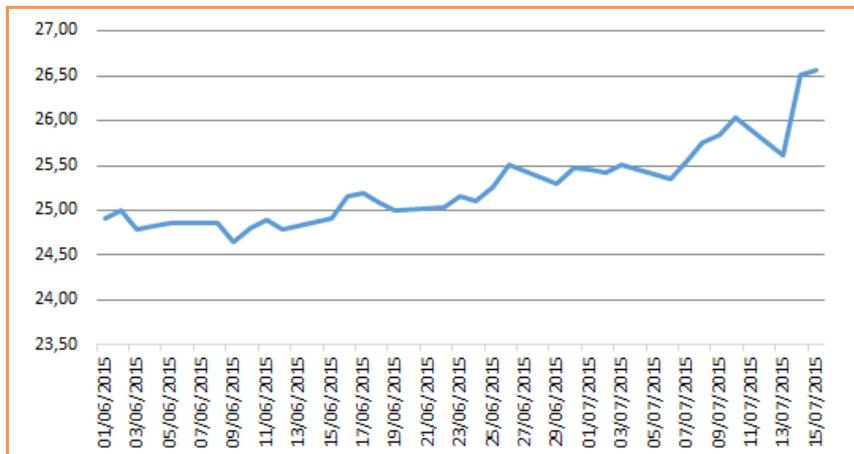
**Feijão safrinha – Comparativo de safra 2013/14 e 2014/15**

Microrregião	Safra 2013/14			Estimativa Safra 2014/15			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
<b>Total</b>	<b>24.652</b>	<b>36.958</b>	<b>1.499</b>	<b>22.817</b>	<b>34.390</b>	<b>1.507</b>	<b>-7,44</b>	<b>-6,95</b>	<b>0,53</b>
Chapecó	3.969	6.087	1.534	3.431	5.426	1.581	-13,56	-10,86	3,12
Canoinhas	2.160	3.867	1.790	2.160	3.434	1.590	0,00	-11,20	-11,20
SMO	2.240	3.375	1.507	1.545	2.191	1.418	-31,03	-35,09	-5,89
Xanxerê	6.400	11.370	1.777	7.270	14.066	1.935	13,59	23,71	8,91
Concórdia	92	109	1.185	84	101	1.202	-8,70	-7,34	1,49
Rio do Sul	1.441	2.315	1.607	759	1.054	1.389	-47,33	-54,47	-13,56
Ituporanga	1.525	2.501	1.640	1.350	2.187	1.620	-11,48	-12,55	-1,22
São Bento do Sul	20	24	1.200	20	24	1.200	0,00	0,00	0,00
Criciúma	2.905	3.077	1.059	2.905	2.349	809	0,00	-23,66	-23,66
Tubarão	2.715	3.111	1.146	2.286	2.602	1.138	-15,80	-16,36	-0,67
Araranguá	1.185	1.122	947	1.007	956	949	-15,02	-14,80	0,27

Fonte: Epagri/Cepa.

## Milho

Glauca de Almeida Padrão  
Economista, Dr.<sup>a</sup> - Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)



Fonte: Cepea/Esalq.

### Milho – Evolução do preço médio nacional ao produtor

#### Preço médio ao produtor nas principais regiões produtoras do Mato Grosso e Paraná

(R\$/sc 60kg)

Praça	15/06/15	15/07/15	Var. mensal (%)
Lucas do Rio Verde <sup>1</sup>	14,75	14,50	-1,69
Sinop <sup>1</sup>	14,05	14,40	2,49
Sorriso <sup>1</sup>	14,35	14,50	1,05
Cascavel <sup>2</sup>	19,00	20,80	9,47
Londrina <sup>2</sup>	19,00	20,80	9,47
Maringá <sup>2</sup>	19,00	20,80	9,47
Ponta Grossa <sup>2</sup>	23,00	26,00	13,04

Fonte: <sup>1</sup>Imea/<sup>2</sup>Deral.

#### Preço médio do milho ao produtor nas principais praças de Santa Catarina – 2014/2015

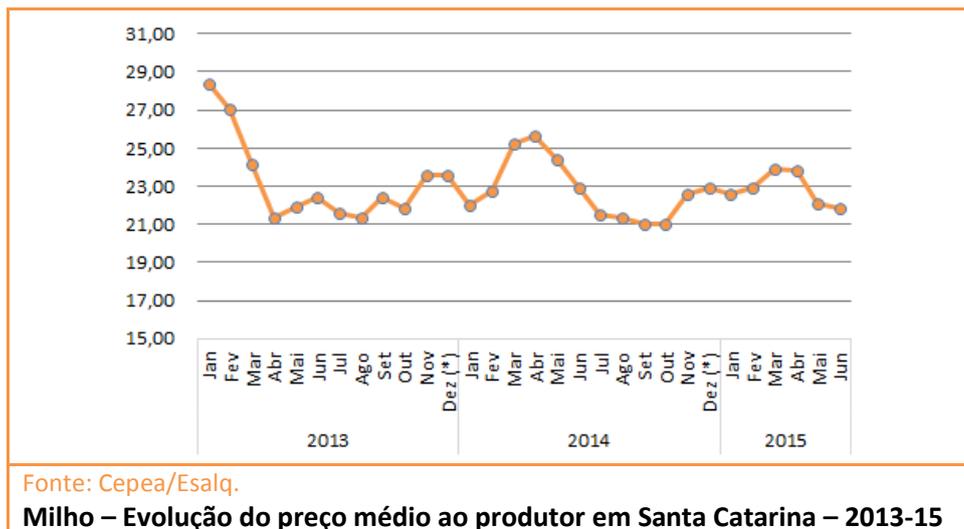
(R\$/sc 60kg)

Praça	15/06/15	15/07/15	Var. Mensal (%)
Canoinhas	21,50	23,00	6,98
Chapecó	21,50	S./Inf.	-
Joaçaba	22,00	24,00	9,09
Rio do Sul	21,50	22,00	2,33
Sul catarinense	21,80	22,50	3,21
S. Miguel do Oeste	21,50	23,50	9,30

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços nacionais do milho ao produtor continuaram apresentando comportamento crescente nos últimos trinta dias. Entre as influências dessa variação encontram-se o aquecimento do mercado das principais regiões produtoras, como o Paraná cuja variação média foi de 10% e Mato Grosso que em média variou 2%. A excessão é a praça de Lucas do Rio Verde que comportou-se de forma divergente à tendência do mercado. Esse comportamento de elevação dos preços, em plena colheita do milho 2ª safra nessas regiões, que em tese tenderia a estimular a queda dos preços, é fundamentado sobretudo na valorização dos preços na CBOT, em função da expectativa de clima ruim para o desenvolvimento da cultura nos EUA. Em Santa Catarina os preços do grão se mantiveram em alta, explicada principalmente pelo início do período de entressafra do milho 1ª safra. A tendência é o grão permanecer valorizado em função da forte influência do comportamento dos preços no mercado externo.

Na média do mês, no entanto, estes devem seguir o padrão do comportamento histórico que é de baixa entre os meses de julho e setembro.



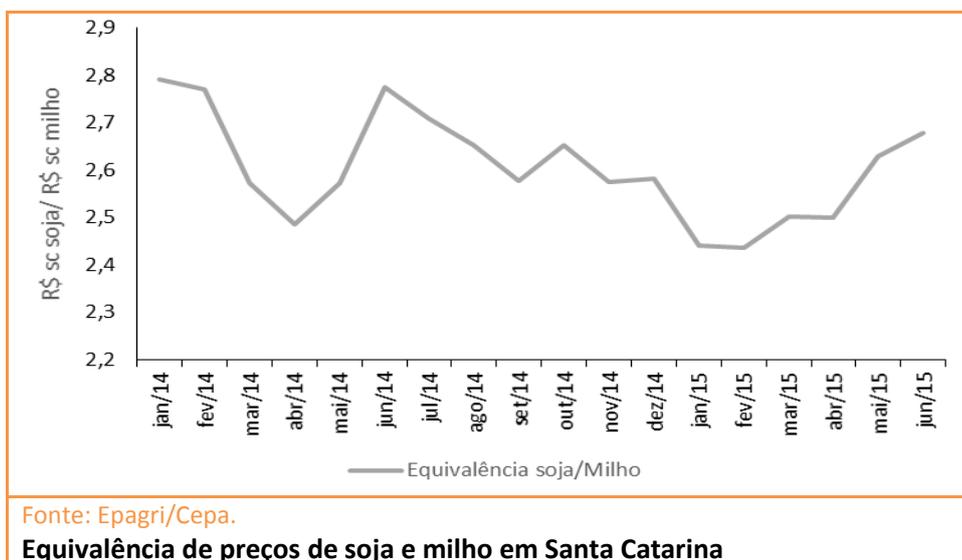
Pela evolução dos preços médios mensais de milho em grão em Santa Catarina, observa-se que entre os meses de junho e outubro os preços tendem a baixar, haja vista que o volume colhido na 1ª safra mais o avanço da 2ª safra nesses períodos, provocam aumento da oferta interna e resulta em redução dos preços. Estes voltam a se recuperar em meados de outubro/novembro, quando a 1ª safra ainda não está em ponto de colheita e a oferta interna reduz. Isto posto, na média mensal os preços no estado deverão permanecer baixos até setembro, quando o plantio do milho 1ª safra já terá iniciado nas principais regiões produtoras.

#### Milho Total – Santa Catarina – Acompanhamento da safra 2014/15 (Relatório preliminar)

Microrregião	Safra 2013/14			Safra 2014/15			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
<b>Total</b>	<b>445697</b>	<b>3291396</b>	<b>7385</b>	<b>411633</b>	<b>3195845</b>	<b>7764</b>	<b>-7,64</b>	<b>-2,90</b>	<b>5,13</b>
Araranguá	4096	20432	4988	4550	23178	5094	11,08	13,44	2,12
Blumenau	1938	7330	3782	1838	7014	3816	-5,16	-4,31	0,90
Canoinhas	46150	406900	8817	39000	367295	9418	-15,49	-9,73	6,82
Chapecó	72585	570616	7861	63715	497944	7815	-12,22	-12,74	-0,59
Concórdia	37350	239706	6418	33750	232006	6874	-9,64	-3,21	7,11
Criciúma	6276	31776	5063	6492	35157	5415	3,44	10,64	6,96
Curitibanos	31368	285213	9092	27258	270358	9918	-13,10	-5,21	9,08
Ituporanga	8540	34521	4042	11390	79488	6979	33,37	130,26	72,64
Joaçaba	68227	589671	8643	62877	531140	8447	-7,84	-9,93	-2,26
Joinville	535	1872	3499	485	1674	3452	-9,35	-10,58	-1,36
Rio do Sul	20885	107058	5126	22870	141461	6185	9,50	32,13	20,67
São Bento do Sul	6400	40320	6300	6000	51090	8515	-6,25	26,71	35,16
São Miguel do Oeste	54475	389485	7150	51190	353474	6905	-6,03	-9,25	-3,42
Tubarão	5917	29372	4964	5785	30728	5312	-2,23	4,62	7,00
Xanxerê	37130	346246	9325	32975	317708	9635	-11,19	-8,24	3,32
Outros	43825	190878	4355	41458	256130	6178	-5,40	34,19	41,85

Fonte: Epagri/Cepa.

A colheita de milho 1ª safra 2014/15 está encerrada no estado de Santa Catarina e a do milho 2ª safra entrou em fase final, exceto na região sul do estado, onde a colheita totaliza 53% e o mal tempo tem prejudicado o avanço da colheita. Em relação à safra anterior (2013/14), a variação da área plantada total foi de -7,64%, totalizando cerca de 411 mil ha. De maneira geral, a área reduzida de milho foi destinada ao plantio de soja, nas principais regiões produtoras. Contra esse fluxo, as microrregiões de Rio do Sul e Ituporanga apresentaram aumento significativo da área plantada do grão, que pode ser explicada pela substituição das áreas de cebola por áreas de milho em razão da escassez de mão de obra e a quebra da safra passada na região que reduziu significativamente o rendimento médio e a área plantada. Em relação à safra de 2013/14, a quantidade produzida do grão reduziu aproximadamente 3%, totalizando 3,196 milhões de toneladas, refletindo a tendência de redução da produção nas principais regiões produtoras, a saber, Oeste Catarinense e Planalto Norte. A qualidade do grão foi boa e o rendimento médio aumentou cerca 5% em relação à safra anterior em função do clima propício ao desenvolvimento do grão e adoção de alta tecnologia. Para a safra 2015/16, a expectativa continua sendo de redução da área plantada, tendência que foi fortalecida pelos baixos preços recebidos pelo produtor na safra que se encerra. Além disso, os preços dos insumos aumentando em função da valorização do dólar, torna os custos de produção e o retorno obtido com milho e soja, proporcionalmente favorável ao sojicultor.



A decisão do produtor entre o plantio de milho e soja, leva em consideração o rendimento de cada cultura e o retorno obtido. Dessa forma, a queda nos preços do milho, combinada a uma relativa estabilidade dos preços médios da soja nos últimos meses tem efeitos diretos sobre a decisão do produtor entre o plantio desses dois grãos. No período analisado, observa-se que essa relação tem se mostrado favorável ao produtor de soja, mesmo com variações. Considerando os custos de produção e o retorno obtido com a produção de soja, esta relação de equivalência no mês de junho de 2015 foi igual a 2,7, ou seja, o preço da soja é quase três vezes maior do que o preço do milho, garantindo ao produtor maior rentabilidade ao produzir soja em detrimento do milho. Para a próxima safra, essa relação se mantendo, a tendência é que o produtor opte por plantar mais soja do que milho.

## Soja

Gláucia de Almeida Padrão  
Economista, Dr.<sup>a</sup> - Epagri/Cepa  
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

### Soja grão - Preço médio ao produtor nas principais praças de Mato Grosso do Sul e Paraná

(R\$/sc 60 kg)

Praça	15/06/2015	15/07/2015	Var. Mensal (%)	Mercado
Lucas do Rio Verde <sup>1</sup>	51,30	55,50	4,01	↑
Primavera do leste <sup>1</sup>	54,30	59,75	4,90	↑
Sinop <sup>1</sup>	50,70	55,00	4,15	↑
Sorriso <sup>1</sup>	51,00	56,00	4,79	↑
Cascavel <sup>2</sup>	56,50	62,50	5,18	↑
Londrina <sup>2</sup>	56,50	62,50	5,18	↑
Maringá <sup>2</sup>	56,50	62,50	5,18	↑
Ponta Grossa <sup>2</sup>	60,75	65,50	3,84	↑

Fonte: <sup>1</sup>IMEA, <sup>2</sup>DERAL/SEAB

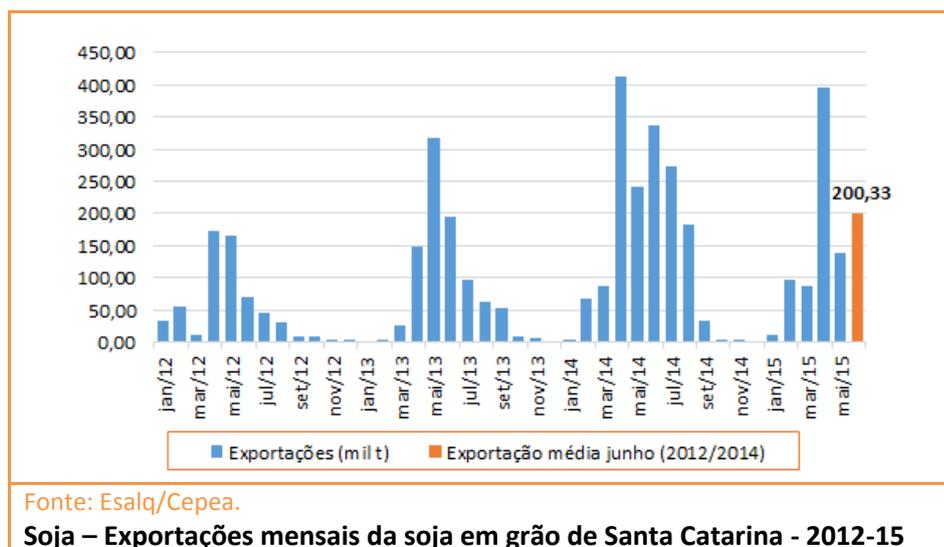
### Soja grão - Preço médio ao produtor nas principais praças de Santa Catarina

(R\$/sc 60 kg)

Praça	15/06/2015	15/07/2015	Var. Mensal (%)	Mercado
Canoinhas	57,00	63,00	5,13	↑
Chapecó	56,50	63,00	5,50	↑
Joaçaba	58,50	63,00	3,77	↑
Rio do Sul	57,00	62,50	4,71	↑
SMO	56,50	62,50	5,18	↑

Fonte: Epagri/Cepa

Nos últimos trinta dias, os preços de soja em grão nas principais regiões produtoras valorizaram-se de forma significativa, sendo explicado sobretudo pelo comportamento de alta das cotações do grão no CBOT, apesar de terem se mantido em patamares abaixo das cotações do mesmo período em 2014. Embora em maio/15 os preços tivessem atingido o menor patamar dos últimos 12 meses, influenciado pela estimativa de safra expressiva mundial do grão naquele mês. A redução na expectativa de safra de soja nos EUA, em razão da confirmação do fenômeno El Niño, tende a atrapalhar a evolução da safra, influenciando os preços no mercado futuro de forma crescente nesses últimos trinta dias. Nas principais praças do Mato Grosso os preços elevaram em média 4,5% em relação ao mesmo período do mês anterior, enquanto nas principais praças do Paraná essa variação foi de em média 4,84%. Em Santa Catarina, a variação média foi de 2%. A valorização do dólar nos últimos trinta dias, que favoreceu a destinação do grão para o mercado externo, o fim da colheita em Santa Catarina e início do período de entressafra, foram fundamentais para a variação positiva do preço no estado.



As exportações de soja em grão em Santa Catarina no mês de junho foram superior ao mês de maio, mas ficou abaixo da média para este mês entre 2012 e 2014, uma vez que em 2014 as exportações atingiram marca histórica. Pela produção expressiva dessa última safra, espera-se que hajam embarques elevados ainda nos próximos meses, apesar de grande parte da soja a ser exportada já estar nos portos, o que resultará em custo com frete mais elevado em 2015.

#### Soja – Santa Catarina – Acompanhamento de safra

Microrregião	Safra 2013/2014			Safra 2014/2015			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
<b>Total</b>	<b>553.547</b>	<b>1.697.828</b>	<b>3.067</b>	<b>585.251</b>	<b>1.846.211</b>	<b>3.155</b>	<b>5,73</b>	<b>8,74</b>	<b>2,85</b>
Canoinhas	120.000	407.278	3.394	127.300	441.338	3.467	6,08	8,36	2,15
Chapecó	79.910	200.668	2.511	84.610	241.205	2.851	5,88	20,20	13,52
Concórdia	3.115	9.024	2.897	3.315	10.014	3.021	6,42	10,97	4,28
Curitibanos	78.860	291.258	3.693	88.301	314.142	3.558	11,97	7,86	-3,66
Joaçaba	47.293	169.178	3.577	53.671	189.575	3.532	13,49	12,06	-1,26
São Bento do Sul	9.300	29.290	3.149	9.800	32.340	3.300	5,38	10,41	4,78
São Miguel do Oeste	35.840	72.065	1.810	36.810	88.959	2.928	2,71	23,44	61,78
Xanxerê	130.600	391.338	2.996	132.635	400.565	3.020	1,56	2,36	0,79
Ituporanga	5.150	16.668	3.237	5.800	18.555	3.199	12,62	11,32	-1,15
Rio do Sul	1.249	3.330	2.666	1.969	5.939	3.016	57,65	78,35	13,13
Outros	42.230	107.731	2.551	41.040	103.579	2.524	-2,82	-3,85	-1,07

Fonte: Epagri/Cepa.

A colheita da soja está finalizada no estado de Santa Catarina e a qualidade do grão colhido na safra de 2014/15 foi boa. A área plantada de soja aumentou 5,73% em relação à safra passada (2013/14) totalizando 585 mil hectares. Observou-se portanto o avanço da área de soja sobre à área destinada ao plantio de milho grão. A produção também aumentou em relação à safra passada, aproximadamente 8,8%, equivalendo à cerca de 1,8 milhões de toneladas. Esse aumento de produção deve-se tanto à expansão de área plantada quanto ao aumento de produtividade que foi de 2,85% em relação à safra anterior. Esse aumento da produtividade só não foi superior, pois embora houvesse clima favorável, a incidência de ferrugem prejudicou o bom desempenho da cultura em algumas regiões do estado. Para a safra 2015/16 ainda não há uma estimativa oficial do Epagri/Cepa. As áreas encontram-se em pousio, e a valorização dos preços no mercado futuro na CBOT, graças à expectativa de problemas climáticos nos Estados Unidos, demonstrados pelos últimos relatórios do USDA, tendem a impulsionar os produtores a aumentar a área de plantio. Em Santa Catarina, a expectativa para a próxima safra é que haja novamente avanço da área plantada do grão sobre a área de milho grão, principalmente, uma vez que a equivalência de preços entre soja e milho tende a continuar favorável ao sojicultor. Dessa forma, esse aumento da área de soja, se confirmado, não deve ser expressivo no estado.

## Trigo

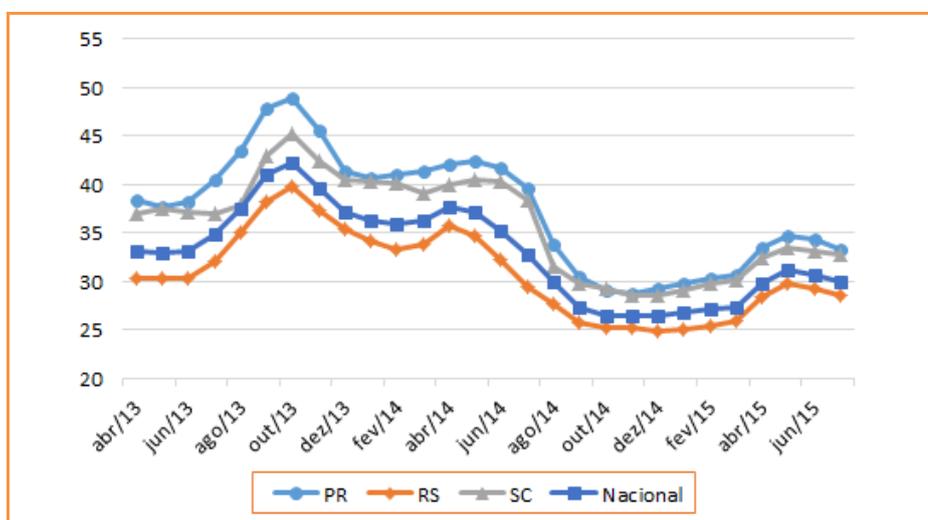
Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin  
Economista MSC - Epagri/Cepa  
marciacunha@epagri.sc.gov.br

Os preços seguem em baixa. Como os moinhos estão bem abastecidos, com estoques acima do que necessitam, as aquisições de novos lotes de trigo são apenas pontuais.

### Trigo – Preço ao produtor em São Paulo e Paraná

Produto	15/06/15	14/07/15	Var. Mensal	Mercado
<b>Trigo, saca 60 Kg, FOB</b>				
Assis/SP	36,25	32,25	-11,03	Em queda
Avaré/SP	40,75	37,75	-7,36	Em queda
<b>Trigo, a granel, R\$/tonelada</b>				
Curitiba/PR	730,00	710,00	-2,74	Em queda
Ponta Grossa/PR	660,00	650,00	-1,52	Em queda

Fonte: BCSP.



Fonte: Agrolink.

### Trigo em grão nacional - Preço ao produtor nos principais estados produtores (saca 60 Kg)

No Rio Grande do Sul, segundo maior produtor brasileiro de trigo, a área semeada com o cereal nesta safra deve cair. Uma das razões para isso é o alto custo dos insumos, como por exemplo, os fertilizantes, que tiveram um aumento significativo, pois são dolarizados (dólar cotado acima dos R\$ 3,23) - sem contar os defensivos.

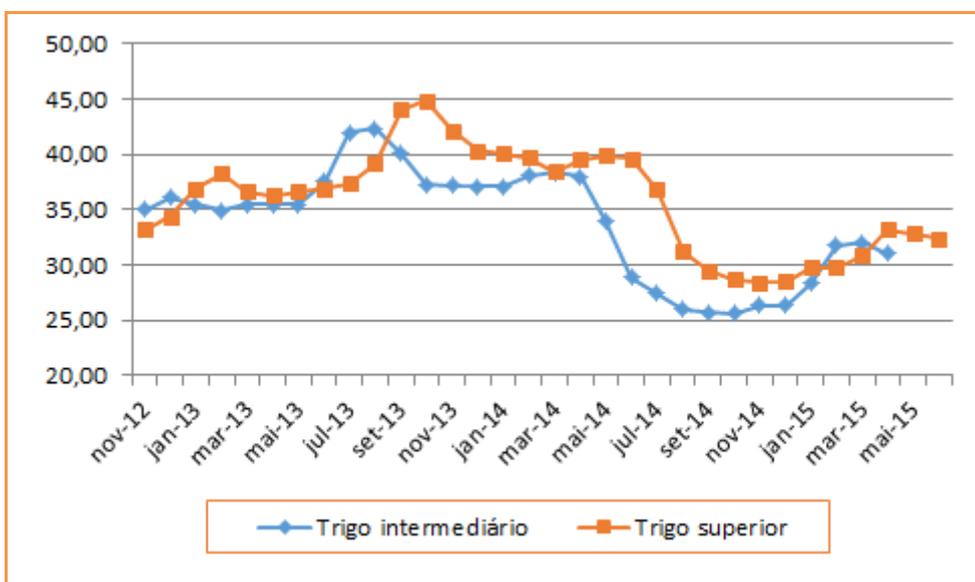
Além disso, as previsões climatológicas indicam um possível El Niño para esse ano, o que significa mais chuvas para a região Sul do Brasil. Tudo isso influenciou na decisão dos agricultores que optaram por reduzir a área plantada com o cereal nesta temporada.

Tudo para evitar o que aconteceu na safra passada, quando por conta do clima demasiadamente úmido, tiveram problemas com as doenças fúngicas, como manchas foliares, e, por fim, prejuízos com a qualidade do produto. O trigo requer um clima frio e tempo seco, e este não é o cenário que se prevê.

**Trigo em grão nacional – Preço ao Produtor nas principais praças do Brasil (saca de 60 kg)**

Praça	30/06/15	14/07/15	Var. Mensal
Bagé (RS)	25,00	27,00	8,00
Bom Progresso (RS)	29,00	29,00	0,00
Cascavel (PR)	31,25	31,39	0,45
Colorado (RS)	29,00	29,00	0,00
Cruz Alta (RS)	29,00	29,00	0,00
Francisco Beltrão (PR)	31,92	31,13	-2,47
Guarapuava (PR)	38,00	36,00	-5,26
Pato Branco (PR)	33,50	32,50	-2,99

Fonte: Agrolink.



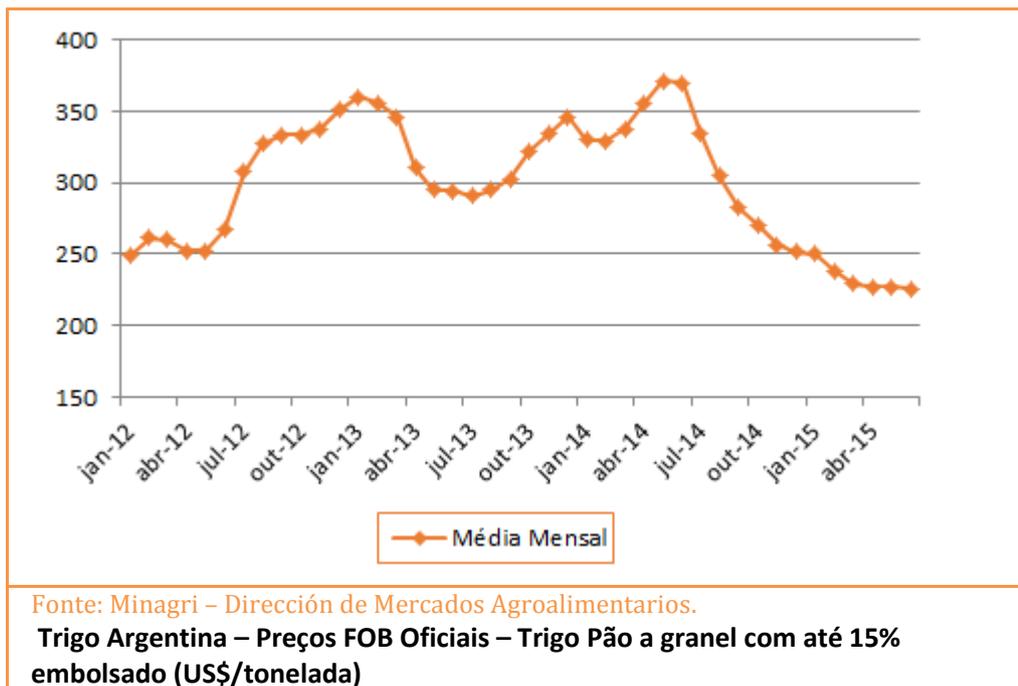
Fonte: Epagri/Cepa.

**Trigo em grão - Preço ao produtor em Santa Catarina (R\$/sc 60kg) – nov.2012/jun.2015**

As últimas previsões são de que a safra argentina será a menor dos últimos 100 anos, com uma área 20% menor do que a da temporada anterior, alcançando 3,4 milhões de hectares. O plantio naquele país está atrasado, em função das chuvas acima da média entre maio e junho. A incerteza política na sucessão presidencial também tem influenciado as previsões.

Para agravar ainda mais a situação, os trabalhadores do Serviço Nacional de Saúde e Qualidade dos Alimentos (Senasa) da Argentina estão em greve desde terça-feira. As exportações e importações de todos os grãos estão paralisadas até o próximo dia 15 nos portos argentinos. A agência é responsável pela inspeção de produtos agrícolas no país vizinho.

Toda esta situação pode ter reflexos bastante negativos no mercado brasileiro de trigo, que tem no país portenho seu principal fornecedor.



**Trigo em grão – Santa Catarina – Acompanhamento da Safra 2015/16.**

Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Total	80.441	262.053	3.258	84.081	252.436	3.002	4,53	-3,67	-7,84
Joaçaba	6.145	21.861	3.558	6.425	21.765	3.388	4,56	-0,44	-4,78
Chapecó	15.350	44.873	2.923	19.785	49.604	2.507	28,89	10,54	-14,24
Canoinhas	19.450	61.766	3.176	15.350	46.050	3.000	-21,08	-25,44	-5,53
SMO	5.305	13.914	2.623	3.395	8.671	2.554	-36,00	-37,68	-2,62
Xanxerê	20.960	69.544	3.318	24.895	77.366	3.108	18,77	11,25	-6,34
Curitibanos	12.475	48.162	3.861	13.375	46.644	3.487	7,21	-3,15	-9,67
Concórdia	556	1.312	2.360	656	1.736	2.646	17,99	32,32	12,15
São Bento do Sul	200	621	3.105	200	600	3.000	0,00	-3,38	-3,38

Fonte: Epagri/Cepa

Em Santa Catarina o tempo chuvoso tem dificultado a atividade de plantio, que deve se estender até a segunda quinzena de Julho.

Naquelas regiões onde o plantio já encontra-se encerrado, as lavouras desenvolvem-se normalmente, sem problemas até o momento.

## Pecuária

### Leite

Tabajara Marcondes  
Eng. Agr. MSC – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

O último Censo Agropecuário brasileiro é de 2006. De lá para cá as mudanças estruturais no campo são as mais variadas e significativas.

Apenas para citar o exemplo de Santa Catarina, é praticamente certo que tivemos no estado a continuidade de alterações importantes na ocupação dos solos (diminuição das áreas de lavouras temporárias e pastagens naturais, aumento das áreas de matas naturais em recuperação), alterações na distribuição geográfica de atividades produtivas, redução do pessoal ocupado nos estabelecimentos agropecuários, aumento do número de estabelecimentos agropecuários “sem” sucessores hereditários, redução do número de produtores em várias atividades produtivas, alterações na relevância socioeconômica de atividades agropecuárias para o desenvolvimento rural, crescimento da importância das rendas não agrícolas na formação da renda total das famílias rurais, entre outras.

Essas prováveis mudanças só serão confirmadas e dimensionadas com a realização de um novo Censo Agropecuário e a comparação entre os seus dados e os do Censo Agropecuário 2006. Isso torna frustrante o adiamento do Censo Agropecuário que seria realizado em 2015.

Especificamente no caso da atividade leiteira seria uma nova oportunidade para dimensionar com maior grau de consistência os seus vários aspectos, entre os quais um bastante básico que é o relativo à produção total do Brasil, dos estados e dos municípios.

Como existem pesquisas sistemáticas sobre a produção e a comercialização de leite, como a Pesquisa Pecuária Municipal e Pesquisa Trimestral do Leite, parece despropositado falar da necessidade de dados mais precisos da produção leiteira. Mas, ainda que pareça estranho, as comparações entre os resultados dessas pesquisas (Tabela) contribuem para reforçar essa necessidade.

**Leite - Produção e industrialização, segundo os 10 estados com maior volume - 2004 e 2013**

Estado	Produção (bilhões de l)			Industrialização (bilhões de l)		
	2004	2013	Var. (%) 2004-2013	2004	2013	Var. (%) 2004-2013
Minas Gerais	6,63	9,31	40,43	4,17	6,17	47,91
Rio Grande do Sul	2,36	4,51	90,64	1,66	3,46	107,99
Paraná	2,39	4,35	81,56	1,24	2,82	127,90
Goiás	2,54	3,78	48,79	1,71	2,45	42,98
Santa Catarina	1,49	2,92	96,30	0,68	2,12	210,00
São Paulo	1,74	1,68	-3,65	2,41	2,53	5,10
Bahia	0,84	1,16	37,99	0,23	0,33	44,28
Rondônia	0,65	0,92	42,40	0,54	0,78	45,50
Mato Grosso	0,55	0,68	23,64	0,28	0,60	114,06
Rio de Janeiro	0,47	0,57	21,88	0,36	0,50	37,37
Subtotal	19,66	29,87	51,93	13,28	21,74	63,76
Outros estados	3,81	4,39	14,96	1,22	1,81	48,55
<b>Brasil</b>	<b>23,47</b>	<b>34,26</b>	<b>45,92</b>	<b>14,50</b>	<b>23,55</b>	<b>62,49</b>

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) e Pesquisa Trimestral do Leite (PTL).

Ao se comparar as produções total e industrializada dos anos de 2004 e 2013<sup>1</sup>, por um lado se observa que aumentou o percentual de leite industrializado: em 2004 foram industrializados 62% (14,50 bilhões de uma produção de 23,47 bilhões de litros) e em 2013 69% da produção total (23,55 bilhões de uma produção de 34,26 bilhões de litros). O que é muito coerente com a expansão da estrutura industrial e com o crescimento da importância comercial do leite nas várias regiões brasileiras. Por outro lado, é difícil não perguntar: **qual destino teria sido dado aos 10,7 bilhões de litros de leite (31% da produção brasileira) não industrializados em 2013?** A mesma pergunta poderia ser feita em relação aos dados de 2004.

Ainda que seja real que boa parte desse leite tenha outros destinos (alimentação das crias, consumo humano de leite cru nos estabelecimentos agropecuários, industrialização nos estabelecimentos agropecuários para autoconsumo e venda dos subprodutos, venda para estabelecimentos sem inspeção, venda de leite cru diretamente aos consumidores, entre outros), é difícil não se chegar à conclusão que existem inconsistências nos números.

A comparação dos dados de 2006 do Censo Agropecuário com os dessas pesquisas contribui para dar pista do maior problema a gerar essa inconsistência. O que mais chama atenção nessa comparação é a expressiva diferença entre os dados da produção do Censo e da Pesquisa Pecuária Municipal (1ª e 3ª colunas da tabela). A PPM aponta produção bem superior em praticamente todos os estados: 48%, no Paraná; 25%, em Goiás; 24%, em Minas Gerais; 37%, em São Paulo e 22%, em Santa Catarina, para citar apenas alguns casos. No caso do Brasil a PPM dá produção 23% acima da do Censo.

#### Leite - Comparativo de dados de diferentes fontes do IBGE - 2006

Estado	Bilhões de litros			
	Censo 2006		PPM	PTL
	Produção	Venda de leite cru	Produção	Industrialização
Minas Gerais	5,72	5,22	7,09	4,69
Rio Grande do Sul	2,46	2,28	2,63	2,25
Goiás	2,09	1,96	2,61	2,17
Paraná	1,83	1,73	2,70	1,41
Santa Catarina	1,40	1,33	1,71	0,98
São Paulo	1,27	1,19	1,74	2,11
Bahia	0,79	0,66	0,91	0,28
Rondônia	0,64	0,62	0,64	0,58
Mato Grosso	0,55	0,50	0,58	0,33
Pará	0,48	0,43	0,69	0,23
Rio de Janeiro	0,43	0,40	0,47	0,42
Subtotal	17,65	16,32	21,78	15,46
Outros estados	2,92	2,41	3,62	1,21
Brasil	20,57	18,72	25,40	16,67

Fonte: IBGE: Censo Agropecuário 2006, PPM e PTL.

Por outro lado, se constata maior coerência entre o dado de venda de leite cru do Censo e o de leite industrializado da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL). Ainda que para o Brasil haja uma diferença de 12% (2,05 bilhões de litros) do dado do Censo para o da PTL (2ª e 4ª colunas da tabela), destaca-se que o Censo trata de toda e qualquer venda de leite e a PTL apenas do leite vendido às indústrias inspecionadas. As diferenças nos dados dos estados, por sua vez, são explicadas especialmente pela forte comercialização interestadual de leite cru. Na PTL, esse leite é contabilizado nos dados do estado para o qual foi destinado. Um exemplo ilustrativo de como isso muda os dados estaduais é o de São Paulo, cuja produção industrializada é muito maior que a produção total exatamente por suas indústrias comprarem muito leite cru de outros estados.

<sup>1</sup> Embora existam dados da produção industrializada até 1º trimestre de 2015, não dá para fazer essa comparação até 2014 porque os últimos dados disponíveis sobre a produção total são os de 2013.

Considerando que em 2006 81% (16,67 bilhões de litros) da produção total de leite (20,57 bilhões de litros, segundo o Censo) foi industrializada, que de 2006 para cá aumentou a participação do leite industrializado na produção total e que em 2013 foram industrializados 23,55 bilhões de litros de leite (5ª coluna da 1ª tabela) e muito difícil imaginar que a produção total de leite do Brasil de 2013 tenha alcançado realmente os 34,26 bilhões de litros apontados pela Pesquisa Pecuária Municipal (2ª coluna da 1ª tabela). Com alguma generosidade e admitindo algum problema com os dados de industrialização é difícil estimar que a atual produção de leite do Brasil seja superior a 30 bilhões de litros de leite.

A fragilidade dos dados aumenta à medida que são analisados em âmbito estadual e municipal. Isso é menos importante em situações em que a atividade leiteira tem pouca relevância, mas esse não é mais o caso de muitas regiões brasileiras e, particularmente, de Santa Catarina, onde a produção leiteira responde pelo segundo Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária estadual (superado apenas pelo da carne de frango) e envolve milhares de famílias.

## Referências

- FELICIANO, Antonio M. **Extensão Rural**: criação, estratégias de uso e retenção do conhecimento. 2013. 363p. Tese. (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- NONAKA, I.; TAKEUCHI, Hirotaka. Teoria da criação do conhecimento organizacional. In: TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008. p. 54-90.
- NONAKA I.; TOYAMA, R. Criação do conhecimento como processo sintetizador. In NONAKA, I; TAKEUCHI, H. **Gestão do conhecimento**: infraestrutura, pessoas, tecnologias. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008, p. 91-117.
- SHANNAK, Rifat O. Measuring Knowledge Management Performance. **European Journal of Scientific Research**, v. - 35 n. 2, p. 242-253, 2009.
- ROWLEY, J. The wisdom hierarchy: representations of the DIKW hierarchy. **Journal of Information Science**, v. 33 n. 2, p. -163–180, 2007.
- SHEHABAT, I.; MAHDI, S.A.; KHOUALDI, K. E-learning as a knowledge management approach for intellectual capital utilization. **Turkish Online Journal of Distance Education**, v. 10, n. 1, p. 159-170, 2009.
- WOLFF, M. F. India emerging (maybe) as major R&D center. **Research Technology Management**. Arlington, v. 51, n. 2, p. 2-9, mar./abr. 2008.